



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75500

EDITORIAL

Fazemos oito anos, bem contadinhos. «Bem bonito rol!»... Serenamente, pacatamente, sem ondas.

É altura de se procurar saber qual a situação, qual a imagem que «O Novo Fangueiro» disfruta perante os conterrâneos. Olhem, não é má. Antes pelo contrário. Começámos a pensar assim depois da publicação do número especial, saído nas proximidades e a propósito do «Senhor de Fão». Efectivamente, por esta altura, avançámos com um número extra que não estava previsto no orçamento. Por isso, tivemos que recorrer a anúncios. Batemos a 20 portas. Como já o revelámos, os dois comerciantes negaram a sua participação. Um deles até nos disse de caras: «Eu tenho aqui matraquilhos mas vocês (fangueiros) admitem que uma firma de fora

se instale na terra há mais de um mês a fazer-me grande concorrência. «O Novo Fangueiro» nunca se manifestou contra isso. Por isso não dou anúncio nenhum».

Ora vejam só que mentalidades... Bem, mas tal resposta foi única num mar de simpatia em que nos vimos envolvidos com a saída do tal número dedicado ao Senhor de Fão. Acresce que este mesmo estabelecimento não soube evitar que um seu anúncio da constituição da firma fosse parar a um outro jornal que não o nos-

dissonantes num mar contexto altamente positivo.

Digamos que foi o primeiro teste de simpatia a que submetemos o nosso jornal, foi um teste ao cariz filosófico nele implícito, um inquérito à consideração de que disfruta no meio.

Saiu-se bem. De resto os pedidos de assinatura continuam em progressão e que nós aproveitamos para cortar os que se têm esquecido de pagar o jornal. Já comecámos a fazê-lo.

AO FAZER OITO ANOS

so. E isso dá receita. E «O Novo Fangueiro», feitas bem as contas, acusou um saldo negativo que ultrapassou em muito a centena de contos, este ano.

Bem, mas aquilo foi uma voz isolada em meio de uma floresta de boas vontades. Também houve aqueloutro que disse, como já revelámos: «A gente p'rá semana vai ver isso». Foram duas vezes

Este balanço anima-nos para a continuidade. Os jornais que nos precederam não se aguentaram mais de dois anos. Alguns não ultrapassaram poucos meses. Nós já ultrapassámos oito anos. Enquanto tivermos saúde, a marcha continuará. Com sentido pedagógico, com bairrismo são, sem vénias e subserviência seja a quem.

(Continua na pág. 2)

FEIRA DE RETALHOS

Pelo QUIM DE FÃO

Hoje acordei com uma carga de nostalgia que não me é habitual. Quando me apercebi, pela minha memória corriam imagens de um Fão desaparecido. Não falo do Fão social, do Fão dos coronéis e das sopeiras; dos banhistas e dos côdeas; dos poucos ricos — brasileiros — e do exército de pobres que às sextas-feiras esperava por meio-tostão toda a manhã, debaixo do beiral de uma porta cerrada com trancas de ferro e campainha de badalo. Esse Fão, de triste memória, morreu. Ainda bem. Mas desperdiçar... ainda mal. Quem paga a factura é o rio que serve de cemitério a frigoríficos, fogões, sapatos e a quanto lixo há na casa... até colchões Mola-flex vão lá parar. Recordo o Fão profissional que está em vias de morrer. Não há técnicos artesãos como outrora. Lembro-me dos ferreiros — duas famílias —; dos sapateiros — quatro famílias —; dos alfaiates — quatro famílias; dos funileiros — uma família; dos carpinteiros topa-a-tudo — três famílias —; dos trolhas, pedreiros e afins — três construtores com uma catorzada de tira-pingas, assentadores de azulejos, pintores e outros que tais; duas fábricas de serração e moagem com uma vintena de operários cada uma, e um espaço para a lenha secar; camiseiras/remendeiras — duas famílias, pelo menos; das bordadeiras — tantas!!! — poucas eram as meninas prendas que não tinham o seu atelier com janela aberta... olhando quem passava!; das lavadeiras e engomadeiras — mais-dúzia —; dos padeiros — duas famílias — pão dos ricos — e três ou quatro famílias — pão dos pobres: a

«broa»; dos tascos com iscas e bacalhau frito, e tinto carrascão deixando marcas no chão encardido e lamacento — uma dúzia de tascas em toda a aldeia — naquele tempo, Fão era aldeia.

Recordo o «exército» de pescadores — meia centena(?) que no Inverno avançava sobre o interior de saco às costas e vinha carregado de pinhas e lenha...; dos barbeiros — três famílias — (agora temos o Zé) que é monopolista e obriga o cliente a inscrever-se na lista de espera; da Tia Canuda que fazia mantas no tear e de umas tantas profissionais da «camisola»; — das costureiras para roupa de senhora — três ou quatro famílias; dos lavradores e jornaleiros — muitos, sobretudo nos Lirios e nas Pedreiras; dos Calafates — carpinteiros navais — três famílias; e ainda muitos religiosos — padres —; Fão nunca foi terra de freiras.

Houve uma grande mudança! Muita gente desapareceu! As profissões também «morreram» com eles. Já não há técnicos que saibam da arte. Há outros técnicos; outras formações e profissões. A máquina substituiu a mão; o computador substituiu a «cabeça» e o técnico, hoje, olha, vigia para que a máquina não pare. Não há artistas que deixem na obra a sua «impressão digital». Somos todos iguais — democracia —. A mesma roupa; a mesma côr, o mesmo prato; o mesmo vencimento ao fim do mês. Basta assinar o livro de presença ou «picar o ponto».

Pois foi aquele Fão que eu recordei, o Fão da minha infância, onde ao fim da tarde, no

Cortinhal, se jogava a bola, se partiam os vidros ao Clube dos Grulhas; onde uma trintena de rapazes fazia uma algazarra enxutando as vacas do tio Júlio ou no «campinho» fugíamos do «tio Bec». faltou-me referir os cordeiros — «As cordas do David; do Quintino e do Frade» — três famílias e algumas gerações. Pobres? Talvez! Havia de tudo. Chegava-se aos oitenta; com muitos filhos, uns copos e tremoços porque o salário não dava para mais. Fão era de tempera! Boa gente! Bairrista por causa da fome...

Hoje, Fão é outro. Está melhor! Mais rico: casas novas; carros novos; muitos restaurantes; boutiques; confecções; têxtil... sei lá.

Nas últimas décadas — as duas — muita coisa mudou. Para uns a vida sorriu. O giradiscos, o rádio, o pandeiro e o tambor; a romária em excursão ao São Torcato, à Penha, ou ao Sameiro já não têm o mesmo sabor, a mesma fé e religiosidade. Já não se fazem promessas a esses santos porque é perto. Agora, só os de longe fazem milagres. O Santo António da Fonte tem o «buraquinho» tapado — as raparigas e rapazes já não atiram a «pedrinha» para o buraco do Santo —; a Senhora da Bonança já não tem siglas na porta e as paredes não têm nomes gravados; a Senhora das Boas Novas também não traz notícias, nem angolares nem cruzeiros — as árvores das patacas secaram — e os cangaceiros e garimpeiros já não são lampiões. Também este formigueiro de crenças mudou o seu catolicismo. A fé é mais rica porque foi interiorizada e cultivada.

Depois veio a década de Ofir. O «el-dorado» dos fangueiros. Aí, todos tinham um lugar de aprendiz ou chefe. A D. Helena e Sou-

(Continua na pág. 2)

FEIRA DE RETALHOS

(Continuado da pág. 1)

sa Martins fizeram escola a muitos fangueiros que os fangueiros recordam com o nome numa parcela da Avenida da Praia.

Depois e agora só temos a Misericórdia que dá trabalho a alguns fangueiros quer no Lar, quer no Hospital quer no Infantário — à volta de meio-cento — nada mau.

Mais recentemente temos a Confeção e a Têxtil — Apúlia, Palmeira e Fão — muitas fábricas, algumas boas outras razoáveis, mas todas dão trabalho e um ordenado para mediar, que não paga a renda de casa mais a comida mais os bifes que se não podem comer nem o vinho que também se não bebe porque é caro.

Este é o Fão histórico, porque as histórias de Fão não se podem contar na praça pública. São sempre as mesmas: política de trazer-por-casa; futebol e... (o resto é com o grupo do socairinho das escadinhas do Cais)... eu não sei de mais nada.

Mas vou lembrando:

Há por aí uns grupos intitulando-se emancipadores e defensores da coisa pública — dos outros. Querem retalhar Fão em pedaços. Juntas na sombra — gritos (panfletos) de acusação. Só fogo. Só paleio. Dezasseis anos abriu os olhos a muita gente. Será o canto do cisne da bandeira desbotada? Ou a lestadada fria deste inverno tornou os descorados mais tesos?

— Calminha... temos Junta para a terra inteira. E que aceita sugestões. O tempo dos «senhores» que vinham da cidade «comer» os fangueiros já passou. E também não precisamos de outros movimentos que se intitulam defensores na terra dos outros. Têm razão... sim senhor... porque o terreno não lhes pertence. E se lhes pertencesse? vendiam-nos e depois... acusavam. Não quero meter a foice em campo que a já não tem, como o povo diz em «seara alheia», mas que a agitação já não «cola», lá isso é verdade. O povo é fino... não

vai no embrulho destes Messias. De Messias só conheciam a marca do vinho... branco.

Há por aí uns fangueiros e apulienses que não gostam de pinheiros. Fazem-lhes sombra. Tiram-lhes o horizonte visual do Atlântico; querem o campo desafrontado de pinhal e de montes de areia fina. Temem estes inimigos e vai daí trocam-nos por notas de milhões... é que os pinheiros só dão pinhas e as areias dão mato e os seus donos querem tirar muita «magalhoça» e então — fazem contas de somar notas e de sumir pinheiros. É assim que eles raciocinam: — «Compra-se o terreno por mil; abatem-se os pinheiros que valem cinco mil, mais uns milhares da areia vendida ao camião»... que destrói caminhos — de todos —; pede-se aos amigos, aos vizinhos que deixem cortar... que não estão ali a fazer nada; que as masseiras é que dão... etc. etc. e de geração em geração vai-se agravando esta sanha «pinheirocida» e «areiacida». Há uma degola constante, agravada, depois, por mais um empreendimento urbanístico tipo colmeia; um bairro que confundiu ou misturou urbanismo com arboricídio ou desarborização. É que os nossos «governantes» não deveriam governar só em Fão-Ofir; também pensam, um dia, governar lá para os lados dos Lírios até Apúlia, mesmo fora da Área de Paisagem Protegida.

Se há caminhos que tiveram o seu nascimento aos ziguezagues só para não derrubar um pinheiro, porque se deixa urbanizar esses terrenos que ficaram sem uma única árvore. É que ninguém urbaniza sem pôs raízes ao Sol.

Poderão pensar que me contradigo. Sou pela construção em Ofir em lotes de dois mil metros. Antes as casas do que os campistas. Estes têm o parque de campismo. E se os proprietários fecharem os terrenos, mesmo só e apenas com arame farpado? Ou austrálias? Ou muretes? Vamos avançar? Calma aí! Eu não tenho lá terrenos; tu, leitor, também não tens. Mas se tivesses? Não quererias construir lá a tua casinha? Ou dividir, parcelar, segundo a lei,

e pô-los à venda? Claro que sim. É muito fácil dizer «não há direito» quando o terreno não nos pertence...

Ao que parece é o que está a acontecer: Guerra em Ofir. Os jornais diários têm-no noticiado, com alguns exageros e inverdades pelo meio...

Do dr. Neiva — vereador da cultura da Câmara Municipal — recebemos uma carta, a título particular e que, por isso, não publicamos, onde não só nos felicita pelo último texto «Feira de Retalhos» mas também nos dá razão quando alertamos para a «destruição lenta e progressiva» da zona histórica de Fão.

Por que razão se não cria uma Comissão Consultiva que dê parecer — apenas parecer — sobre «como, quando e onde construir na nossa terra»?

Esta comissão deveria estar desvinculada de «partidos» e «quebrados», sem espírito vingativo ou de compadrio; imune a todas as influências. Sem medo. Com rosto. Com cultura e sensibilidade histórica.

Que lhe parece, dr. Neiva?

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

for, sem azilo para questiunculas nem palco para lutas fraticidas. Fão e a verdade acima de tudo e de todos.

«Aquele abraço» aos nossos colaboradores. Um agradecimento tamanho aos anunciantes. A promessa de melhor e mais para os que nos lêem e assinam. Para os fangueiros ausentes nós continuaremos a ser a saudade que lhes vai matar outras saudades.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badminton, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

AS ALMINHAS DO CAIS — FÃO

Por JOSÉ MARIA MACHADO DO VALE

II PARTE

Nunca as Alminhas do Cais, tantas vezes imploradas depois, para acorrer aos anseios do povo, deixaram de ter os seus devotos.

Muitos anos mais tarde, quando a lenda se perdia na poeira do tempo, outro acontecimento trágico viria reavivar a devoção do povo.

Pelo rio acima, a caminho de Barca do Lago, barcos movidos a remos transportavam crianças do Orfanato Municipal. A banda de música de que era mestre o sr. Leitão, fazia ouvir os seus ordinários, todos marciais e festivos. Dentro de um dos barcos, algumas dúzias de foguetes que solenizariam este passeio fluvial numa tarde de Verão. Próximo ao Forno da Cal, prepara-se o primeiro foguete... e foi o último: todos os existentes a bordo, por reacção ao primeiro, incendiaram e foi a tragédia. Partido em dois, o barco voltou-se nas águas, impulsionado no jacto e só parou na margem.



Mais uma vez, as Alminhas do Cais fizeram um milagre. O sr. Leitão, responsável pelo passeio, desesperadamente, recorreu às Almas do Purgatório e obteve a desejada protecção. A tragédia não atingiu as proporções que, no momento se supunha. Das 30 pessoas embarcadas, apenas duas receberam graves queimaduras. Por isso, todos os anos, as Alminhas do Cais, tiveram, durante os anos de vida que restaram ao sr. Leitão, a melhor das festas organizadas na terra. A devoção do povo pelas Alminhas do Caisremeçou, mais fervorosa e convicta, pelo filho ou marido em viagem para o estrangeiro, pela cura de um doente que a medicina considerava incurável, pela sorte na pesca do bacalhau no oceano gelado, pelo melhor êxito nos exames do liceu, pelo regresso do soldado ausente no ultramar, por melhores notícias vindas do Brasil distante, pelas boas vendas das peixarias nos mercados, e enfim, por tantos pedidos fervorosos, insistentes, pitorescos sempre eivados de carinho e amor na graça solicitada. O povo continuou sem-

pre fiel à sua crença, nutrindo especial devoção pelas Almas do Purgatório.

Esta matéria foi escrita e baseada em documentação: algumas informações extraídas do livro — (ESPOSENDE — Páginas de Memórias): colectânea de estudos (LENDA — Alminhas do Cais), de José Maria Machado do Vale; e alterações etnográficas.

HÁ 25 ANOS... «OFIR TAMBÉM É FÃO» A REVISTA DO SUCESSO

Lamentamos o desaparecimento de três «jovens» fangueiros, participantes na revista mais recente levada à cena em Fão: Zé Maia, João Senborinha e o Né Glória. Cada um, na sua especialidade, está por substituir. Haverá dúvidas?

No domingo 2 de Julho de 1967, pelas 22 horas, o Salão Paroquial reventava pelas costuras de tanto público. Estreava-se a revista «Ofir também é Fão, com arranjos do Zé Maia, uns acertos no texto do «inimigo» e letras das canções, de Carlos Palma Rio. Cenários de Celestino Moraes e a iluminação de Carlos Bolas; orquestra de instrumentos de corda: 2 guitarras, violas (4), constituída por vários jovens.

A revista com três actos, versava essencialmente assuntos de Fão: o antigo e o moderno, incluindo-se, como é evidente, a estância de Ofir, bem explorado, num espectáculo memorável, que se repetiu várias vezes, sempre a reventar pelas costuras. Não admirava: Salão pequeno, instalações precaríssimas, os interessados espectadores, muitos...

São passados 25 anos. Quantos intervenientes nesta revista, com as receitas para obras de conservação do Salão Paroquial, são já avós! Mas, frescos e arejados, para recordarem os bons momentos dos tempos gastos numa brincadeira de bom gosto. O Coió, a Praia e o Zé Fangueiro, deram excelentes sequências ao espectáculo, merecendo fartos e calorosos aplausos. Não resisto à tentação de falar em nomes: Maria do Céu Pedras, Gininha Ribeiro, Carmen Solinho, Rosa Maria Herdeiro, Carlota e a irmã Maria José, Rosalina Pedras, Maria Júlia e as irmãs Rosa Maria e a Fernanda e a Lurdes Lacerda. Dos jovens, creio serem estes as estrelas: António Solinho, Armando Barbosa, Emílio e Carlos Pedras (Calló), o Ruca Gageiro, Ruben Solinho e o Carlos Maia. Se falta algum, não é por mal. Dizer até — se alguém perguntar — qual a melhor cena, o melhor artista, será muito difícil. No entanto, aquela cena de 3 «Fão antigo», os «Serões» e o final da revista, com toda a companhia em apoteose, com Ofir também é Fão, deixa muitas saudades. São os momentos inesquecíveis e que jamais se repetirão. Oremos pelos mortos, passados estes 25 anos da revista que fez sensação...

Nota: Preços — Geral 7\$50, plateia 25\$00, superior 15\$00. Que tal?

A. L. COSTA

Nota: Registamos com agrado esta especial colaboração de A. L. Costa o que revela a boa «entente» que sempre existiu entre os jornais d'aquém e d'além ponte. Merecerá um artigo oportunamente. É certo que já houve excepções mas isso faz parte da essência da regra.

CANTINHO DO ADVOGADO

DESPEJO PARA HABITAÇÃO REQUISITOS E LIMITAÇÕES

P. — O sr. A. é inquilino de um determinado imóvel, no qual habita, há cerca de quarenta anos.

Recentemente, o proprietário do prédio (que vive no mesmo concelho e não possui nenhum outro imóvel) informou-o de que uma filha sua se iria casar e que, por esse motivo, precisando ela da casa para sua habitação, o sr. A. teria que a abandonar.

R. — Um dos traços mais marcantes da legislação portuguesa sobre arrendamento é a regra da proibição da denúncia do contrato por parte do senhorio. Quer isto significar que enquanto o inquilino pode, livremente e a qualquer momento, por termo ao contrato de arrendamento, o senhorio está impedido de o fazer.

No entanto, tal regra admite, como é óbvio, algumas excepções.

Assim, uma das situações em que a Lei sempre admitiu que o senhorio possa denunciar o contrato de arrendamento, é quando este necessita do prédio para a sua habitação, ou para nele construir a sua residência.

A estes dois casos, a nova legislação sobre arrendamento urbano (aprovada pelo Decreto-Lei n.º 321-B/90, de 15 de Outubro), dando uma maior protecção aos interesses do senhorio, veio acrescentar um novo: pode igualmente haver denúncia do contrato, por parte do senhorio, quando este careça da casa para habitação dos seus descendentes em 1.º grau, isto é, dos seus filhos.

Não basta, porém, que o senhorio invoque uma destas circunstâncias para, sem mais, conseguir a desocupação do prédio: é necessário que ele seja proprietário do imóvel há mais de cinco anos e, por outro lado, que não tenha, na respectiva localidade, casa própria ou arrendada que satisfaça as necessidades de habitação própria ou, no caso, da sua filha.

Ora, por aquilo que o sr. A. descreve (o senhorio necessita de casa para habitação de uma filha, é proprietária há mais de cinco anos e não possui qualquer outra casa no concelho), tudo levaria a concluir que, efectivamente, o seu senhorio teria direito a denunciar o contrato e, por isso, ele teria que abandonar o prédio.

Simplesmente, a Lei impõe algumas limitações a este direito do senhorio, limitações estas de índole social e ligadas à condição do inquilino.

E assim, o senhorio não poderá exercer o seu direito de denúncia, quando ocorra uma das seguintes circunstâncias:

- Ter o inquilino 65 ou mais anos de idade ou, independentemente da idade, se for reformado por invalidez absoluta ou se sofrer de incapacidade total para o trabalho;
- Manter-se o arrendatário no local arrendado há 30 ou mais anos, nessa qualidade.

Ora, o sr. A., pelo que nos diz, é inquilino do prédio há cerca de quarenta anos.

Deste modo, durante o arrendamento há mais de 30 anos, não pode o senhorio, invocando que necessita do prédio para habitação da sua filha, obter a desocupação do imóvel e, por conseguinte, tem o sr. A. pleno direito a continuar a habitar a casa.

JORGE CAIMOTO

PRÉMIO NACIONAL DE ARTESANATO / 92

- 1 - No âmbito das iniciativas de apoio ao artesanato (tanto tradicional, como contemporâneo) val o Instituto do Emprego e Formação Profissional realizar, de novo, este ano, o grande concurso dos artesãos ao PRÉMIO NACIONAL DE ARTESANATO/1992.

Os valores dos prémios são os seguintes:

- a) - PRÉMIO DE ARTESANATO TRADICIONAL (destinado a todos os sectores de artesanato, com excepção da Cerâmica e da Cestaria):

- 1º Prémio: 750.000\$00
- 2º Prémio: 500.000\$00
- 3º Prémio: 250.000\$00
- Menções honrosas: até 5.

- b) - PRÉMIO DE ARTESANATO "CRIATIVO", OU CONTEMPORANEO (destinado a todos os sectores de artesanato, com excepção da Cerâmica e da Cestaria):

- 1º Prémio: 750.000\$00
- 2º Prémio: 500.000\$00
- 3º Prémio: 250.000\$00
- Menções honrosas: até 5.

- c) - PRÉMIO ESPECIAL DE ARTESANATO TRADICIONAL (destinado ao sector da CERAMICA):

- 1º Prémio: 750.000\$00
- Menções honrosas: até 3.

- d) - PRÉMIO ESPECIAL DE ARTESANATO "CRIATIVO" OU CONTEMPORANEO (destinado ao sector da CERAMICA):

- 1º Prémio: 750.000\$00
- Menções honrosas: até 3.

- e) - PRÉMIO ESPECIAL DE ARTESANATO TRADICIONAL (destinado ao SECTOR DA CESTARIA):

- 1º Prémio: 750.000\$00
- Menções honrosas: até 3.

- f) - PRÉMIO ESPECIAL DE ARTESANATO "CRIATIVO" OU CONTEMPORANEO (destinado ao sector da Cestaria):

- 1º Prémio: 750.000\$00
- Menções honrosas: até 3.

- 2 - Os candidatos deverão dirigir-se ao Centro de Emprego da área da sua residência, onde lhe serão dadas todas as explicações relativas a este concurso.

- 3 - Este concurso está aberto, apenas, até ao dia 31 de Maio, do ano corrente.

PODE SER A SUA GRANDE OPORTUNIDADE!



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então como foi essa Páscoa? Oxalá que com saúde e alegria, e... boas notas na pauta, claro! São esses os votos de «O Novo Fangueiro», neste mês em que completa o seu 8.º aniversário.

UMA MENINA SE FEZ MULHER

De autora não identificada

Como é fácil por minutos recuar no tempo e recordar a nossa meninice, a nossa infância, a nossa adolescência e de repente repararmos que já lá vão uma série de anos.

Dos primeiros passos, quase nada consigo lembrar, mas lembro, sim, a ansiedade que me dava só de pensar que tinha de ir para a Escola, largar por umas horas a família, ver na professora uma amiga, por muito que isso me custasse a entender e ainda mais quando algo saía errado e ela me chamava à atenção.

Mas como era bom chegar ao recreio, brincar com os colegas, fossem brancos ou pretos, porque foi assim a minha infância... fazermos jogos, os mesmos de hoje, andarmos sempre a saltitar, a correr...

Ano após ano, sem dar por ela, lá se chegava à 4.ª classe e mais coisas para aprender, mas também já escolhendo os amigos, os namorados, escrevendo e mandando bilhetinhos por baixo das carteiras, a disputar com a amiga o mesmo namorado, que nem namorado era nem nos ligava nenhuma, achando-nos umas chatas... Desse tempo lembro o despertar para aquilo que se desconfiava que devia ser, mas nós na verdade não sabíamos o que era. Os primeiros risinhos envergonhados... E o tempo a passar e eu já a querer que ele passasse mais depressa para ser grande e poder fazer o que quisesse.

Quando dei por ela, já era uma juvenzinha, julgando ser dona de certezas e tão ignorante!

Eram as dúvidas que se julgavam tirar com as amigas, porque, por vergonha, não se perguntava às Mães... Já começava a olhar por mim abaixo, mas nem pensava porque estava diferente, porque essas coisas não se pensam, essas coisas acontecem a todas.

A idade também nos levava a isolar, julgando que os outros não tinham as mesmas dúvidas e os mesmos problemas para resolver.

(continua)

PAUSA PARA SORRIR

Um instrutor militar mandou pôr os recrutos em forma, dois a dois, e ordenou a seguir:

— «Levantar perna direita!»

Havia, porém, quase no fim da fila, um soldado que era canhoto e, portanto, levantou a perna esquerda.

O instrutor só via de corpo inteiro os recrutas da frente; dos que estavam mais atrás, o que via era quase só as botas.

Atentando melhor, viu, com grande espanto, lá quase no fim, uma bota de pé direito e outra de pé esquerdo, lado a lado (era a fila do recruta canhoto).

Então, berrou, furioso:

— «Quem é o grandecíssimo idiota que está aí com os dois pés no ar?...

Um amigo encontra outro na rua e, em conversa, informa-o de que está à procura de casa, passa se mudar.

O amigo, admirado, pergunta:

— «Mas porquê? Ainda mudaste para o apartamento onde vives há pouco tempo, e tanto tu como a tua mulher estavam tão satisfeitos com a sua localização, com as bonitas vistas...»

O outro esclarece:

— «Pois é; mas a nossa vizinha do lado direito não sabe tocar piano...»

— «E que tem isso?» — interroga o amigo, perplexo.

— «Mas o pior é que ela toca!» — desabafa o queixoso.



Desenho de Marília

OS OLHOS DA MENTE

*Escuto, olbo, interpreto,
Descrevo com a imaginação.
O que é a imaginação?
Talvez uma imagem abstracta
De um real desconhecido.
Ou a libertação da recordação
Presas nas correntes da memória.
É o correr de um rio,
Rápido e turbulento,
Percorrendo tudo ao mesmo tempo,
Da rapidez com que acontece.
Algo se liberta,
Por vezes explode,
Espalhando a frustração
Que encerra em si.*

*Nela nascem universos,
Ideias, sentimentos, palavras,
Enfim,
O retrato desta humanidade
Instável e cada vez maior.
Afinal, é ela a musa
Que tudo inspira.
Sabe-se lá o que nela se passa!
E nela se viaja,
Sem sequer se sair do sítio,
Tudo se vê e conhece,
Sem sequer se conhecer.
É a nascente da nossa vida interior,
É esse sol redondo e quente
Que afaga a flor da existência
E se perpetua na idade dos homens,
Tão velhos como ela,
E a ela unidos
Como se da sobrevivência se tratasse.*

*Tudo se vê com clareza,
Porque estes olhos da mente enganam,
Até se fecharem e nos deixarem
Acordar
Para viver no real.*

Marta (15 anos)

A ÁRVORE

*A árvore
É um bem da Natureza.
Trata-a com carinho,
Olha a sua beleza.*


*Quando vais caminhando
Com um sol de abrasar
Põe-te sob uma árvore
E poderás descansar.*

*As árvores são tão belas!
Têm tons maravilhosos.
E um certo ar de princesas
Há nos pinhais, tão formosos.*

*Oh! Encantadora árvore!
Nada ti é igual!
Tu acompanhas nossas vidas
E és filha de Portugal!*

IVONE

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

SUGESTÃO DE TRABALHO

Bem ou mal, temos três Universidades com as suas Faculdades de Ciências, que deviam tornar-se o cérebro da actividade científica regional, facilitando-a mesmo com cursos de *extensão universitária*.

Cada Universidade teria acção sobre cada região pré-estabelecida, dirigindo o seu influxo sobre os liceus respectivos, suas mãos direitas.

Pois compreende-se lá que um liceu, capital do distrito, ignore a fauna, flora, paleontologia, etc., do seu distrito, às vezes bem conhecida de uma Universidade alemã? pois os factos o demonstram! Não é raro ir-se encontrar num liceu de província um simples rato ou gato, sem pêlo, como museu de... histórico-naturais!

O que os liceus são e o que deveriam ser, se se tornassem o foco de uma actividade distrital para onde se canalizariam as informações do professorado primário e, sobretudo, as dos párocos e criaturas cultas disseminadas pelas várias povoações!

Os párocos na França são uns valiosíssimos auxiliares dos professores. Porque o não seriam aqui?

E nos boletins universitários, de concatenação e centralização das actividades regionais, apareceriam os resultados obtidos.

Não seria curioso que os liceus de Viana, da Póvoa, do Porto, Aveiro, Lisboa, Setúbal e Faro, etc., prestassem indicações idênticas às deste livro com os seus museus tanto quanto possível completos?...

... E que em qualquer liceu se encontrasse o seu Herbário regional, os mostruários petrológico, paleontológico, etc.?!

Se a Ciência Oficial Portuguesa tivesse esta organização — que há-de ter um dia quando esta pobre Pátria largar a Política e alijar o culto da Incompetência para progredir moral e cientificamente — teria na conta devida os elementos extra-oficiais, e eu já citei os padres, que lhe prestariam os mais dedicados serviços.

Um elemento de trabalho, como o sr. Landolt, aproveitado em vida, seria um auxiliar de apreço.

E pode-se calcular, concretizando no seguinte caso: se uma criatura de igual boa vontade e actividade, aparecesse em Esposende — costa do distrito de Braga — não poderia prestar um serviço inestimável ao Liceu de Sá

de Miranda, se, tendo uma nora dos exemplares regionais dos nossos museus, nos fornecesse os que ali fossem aparecendo com diferentes?

R o que se diz de zoologia, diz-se de botânica e de todas as ciências histórico-naturais.

★

Do prefácio ao Livro de Cândido Augusto Landolt — Fauna e Flora Marítima da Póvoa de Varzim, 1928.

★

A propósito deste texto, escreve-nos o nosso amigo Óscar Fangueiro: «Sugiro a publicação de parte deste prefácio e a sua adaptação à «causa» de Fão e do país em geral, nos dias de hoje.

Penso que é um desafio a alguns estudiosos de Fão e porque não, aos seus professores!...

Informo que para exemplo, fiz o levantamento ornitológico em duas freguesias de Gaia, onde faço campismo todo o ano.

Penso, que em Fão passam cerca de uma centena de Aves diferentes (terrestres e aquáticas).

Seria interessante, determinar quais as Aves que aí nidificam. Estamos na altura de começar tal estudo. Para quê? Para comunicar à CEMPA (Centro de Migração de Aves, ligado ao Ambiente e Recursos Naturais).

Onde estão os estudiosos da Natureza?»

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Cooperativa Cultural de Fão para o dia 30 de Maio de 1992 na sede da Cooperativa pelas 15 horas com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Discussão e aprovação do Relatório e Contas do ano de 1991.
- 2.º Outros assuntos de interesse para a Cooperativa.

O Presidente da Assembleia

José Augusto Amorim Nobre Madureira

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumetiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

PARABÉNS A VOCÊ: Amândio e Alézia

Como dissemos no outro número, ficámos de dar conta do que foi a comemoração das bodas de ouro deste casal amigo.

Para enternecer mais o evento, deslocaram-se propositadamente ao Brasil — Rio (está claro) o casal Manuel Costa/Maria Eugénia mais a Maria Belo, parentes dos aniversariantes.

Logo de início foi o sufoco da chegada no aeroporto do Galião: lá estavam à espera o casal aniversariante, seus filhos Isolina, Prof. Lyra, Daniel e ainda o Manuel Belo (irmão da Maria) e suas filhas: Rosa e Elisa e o genro Artur. Abraços, beijos e lágrimas foi uma fartura, o que significa «um não mais acabar». Um dia passado no Lyra e depois um passeio a Bauru para visitar uns primos direitos da mulher do Né. Um deles, António Carlos é advogado e seleccionador do basquetebol feminino. É candidato à Perfeitura de Bauru. Já esteve em Fão duas vezes.

Em casa do Caramalho estiveram o Carlos Cardoso (até pinchámos a abraçar-nos diz o Né) a Lena Martinho (sua mãe vendia tremoços e alfarrobas, frente ao Roll'-bar) e também a Amelinha, mãe do Manelzinho (Penetra), viúva do David (morava nas Pedreiras) e a Bina Chita, irmã da Quinhas que mora na Póvoa.

O casal Né e acompanhantes estiveram igualmente com as irmãs (Maneas) Madalena, Maria Alice Olímpio (fez anos em 3 de Abril) e a Teresa, casada com o António que esteve no Café Mar e Rio. (Um abraço, cara condiscípula da quarta classe!).

Como não podia deixar de ser, compareceram (ou foram visitados?) a Rosa e o Maximino. Nesta altura o Né já se queixava de uma costela que quase se partiu com tantos abraços.

Apareceu ainda *seu* Edson (brigadeiro), irmão do Carlos Reis. Manda um grande abraço para o mano e seus sobrinhos. Não vem este ano a Fão por causa do casamento da filha que é em Agosto próximo. E igualmente o Paulo Ribeiro Branco, irmão do homem da Maria Solinha.

O Né não pôde estar com o Amândio. Alô, Amândio: vais passar a receber o jornal, que o Né faz «questão» de pagar a assinatura.

Segundo nos revelou o Né, à despedida, havia mais lágrimas que ondas no mar. É capaz de ser exagero, mas que um fangueiro chora pela sua terra, ninguém tenha dúvidas.

Moradia no Centro de Fão VENDE-SE

Independente, com quintal, 4 quartos, 2 casas de banho, sala comum com fogão, cozinha e dispensa.

Trata telefone 982167
(depois das 19 horas)

RESCALDO DAS FESTAS DE FÃO

Por QUIM DE FÃO

Não se pode exigir mais. Até o tempo ajudou. Muita, muita gente. Muitos e bons números quer culturais quer de animação popular. Quando todos ajudam e se unem, Fão é assim: Um êxito. As actividades festivas e ornamentais alargaram o espaço, conquistando a Avenida da beira-rio. Durante a noite, as iluminações das avenidas, das ruas e das igrejas estiveram à «altura». É de felicitar a Comissão por mais uma vez ter iluminado todos os templos da terra: Matriz, Misericórdia e Senhora da Lapa.

O facto de as «Cruzes» estarem próximas, não afastou os «barraqueiros» nem os «forasteiros». Afinal, hoje, nós competimos já com as maiores festas do Minho. Foram muitos dias de festa e do programa salientámos o êxito da passagem de modelos — lotação esgotada — no Hotel Ofir, gentil e graciosamente cedido. Os nossos modelos/amadores — rapazes e raparigas de Fão — têm futuro no «tapete» e as casas de moda não ficam a dever nada às de Santa Catarina...

O cortejo histórico — Trajo do século XIX — encheu os olhos aos «coleccionadores». Fão possui uma riqueza incalculável em fatos e adornos do final do último século. Quando as «históricas» senhoras metem o dedo neste cortejo ele é um caso invulgar. São professoras e anexas a impôr o ritmo da cultura e ela — a cultura — sai à rua com pompa, simplicidade e invulgaridade. Tudo o que fazem em Fão e por Fão é bem feito, apesar de haver «Gregos e Troianos».

As marchas populares dominaram a noite de sábado. Milhares de pessoas encheram Fão. O parque automóvel valeu-se do estaleiro; do caminho das Rodas; da Avenida da Praia e por tudo quanto era sítio, havia um «parque» de estacionamento.

A música, letras e guarda-roupa mostraram e bem que os nossos «bairros» são os melhores. Não ficam atrás de outras «marchas» mais ricas mas menos originais. Quantas... quantas horas de trabalho! Quantas noites sem telenovela por causa dos «ensaios»! Va-

leu a pena. A cultura é a alma de um povo. Ela esteve presente no cortejo histórico, nas marchas, nas exposições, nas Janeiras...



Ramalhão... o beluarde de Fão!

O Templo do Senhor Bom Jesus continua a apresentar o tradicional tapete de pétalas de flores, da autoria e confeccionado pelos irmãos Matias que durante uma semana trabalham para que os seus créditos de artesãos sejam dignos de elogios e que bem merecem. O desenho geométrico e a combinação de cores, com o predomínio do roxo, amarelo e branco traduziam uma mensagem de louvor em honra do santo devoto dos fangueiros — O Senhor Bom Jesus de Fão.

A noite de sábado, talvez a maior e mais longa, teve um desfecho invulgar. Pela segunda vez — a cachoeira na ponte — é um espectáculo único. Apenas a Senhora D'Agonia em Viana tem parecido. São milhares de fogos vivos, «verdadeiras» gotas de água que da ponte unem o rio numa espécie de grande tecido rendilhado.

São oito dias de festas para todos os gostos: para os novos — quatro conjuntos de música metálica mais os ratos lazer pela noite dentro; para os mais velhos — duas bandas de música e três noites de fogo preso e do ar... não esquecendo as provas de motonáutica e aeromodelismo, a noite de fado com o cenário da Matriz e, no último dia, a imponente procissão com visita do Santíssimo aos Entrevados.

Foram mais de cem pessoas os intervenientes directos nesta comissão: janeireiros, festeiros e mordomos. No entanto, os responsáveis mais directos pelo êxito, nestes dois últimos anos, são a Junta de Freguesia, Bombeiros e afectos aos bairros.

Das várias exposições, uma merece destaque: «Memórias de Fão». Cerca de setenta fotografias, em tamanho ampliado, recordam Fão desde os fins do século XIX até aos anos sessenta. Salientando cenas do mar e das chetas que, periodicamente, invadiam

as ruas de Fão. Algumas profissões desaparecidas — a cordoaria do david e do Quintino — simbolizavam um Fão que não volta mais. Da exposição e para esta exposição escrevi:

«Esta exposição «Memórias de Fão» apresenta várias leituras ao observador mais atento.

A primeira e que mais profundamente nos toca é a saudade de um Fão que já «quase» não existe. Na nossa memória passa o filme do Fão-pescador; do Fão-prala; do Fão-operário; do Fão-brasileiro;

do Fão dos serões; das serenatas; das noites lentas e longas de um «inverno» quase secular.

Quem o matou? Quem destruiu este Fão físico e espiritual? Cheio de ritos, crenças, fé e magia? Todos. Uns mais, outros menos. Mas todos somos culpados pela lenta delapidação e degradação desta terra cheia de vielas, ruelas, cangostas e atalhos; de pátios e postigos; cruzeiros e terra-chão; de xisto e rachão; de cal e cataria...

Cada imagem, cada fotografia é uma testemunha do passado em alguns casos já desaparecido; já sem vida mas que evoca, no entanto, a formosura espiritual e/ou material desse mesmo passado; evoca o segredo dos corações fangueiros como só eles souberam «fazer» Fão, prenhes de amor no e pelo encanto das coisas belas que a sombra dos séculos não deixou amortilhar e como a força bairrista enfrentou todas as tempestades do tempo e dos homens, apesar de uma ou outra modificação que não feriria o pequeno burgo onde «cão ou gato» não era escorraçado; onde o pátio escancarado, sujo ou limpo, na lateral da ruela, recebia a vendedeira de tremoços, a peixeira ou bordadeira... e onde o mendigo escondia a sua miséria e dor, apanhando uma «raçada»... de sol.

Assim, esta exposição é um apelo, um grito ao fangueiro do presente, para que não deixe morrer esta «cultura e civilização «tão antigas, tão radicalmente ligadas ao trabalho e à vida quotidiana. Devemos defendê-las, fangueiros! Defendê-las não apenas «isolando-as e conservando-as» como relíquias do passado, mas aprendendo nelas uma relação com a cultura do nosso tempo, para assim, acompanharmos o progresso...

Estes «subsídios da História de Fão» ensinam-nos a escolher e a criar a nossa própria vida, igual e diferente, porque nós queremos ser iguais na diferença que nos identifica.

Há ainda outra leitura, aquela que mais importa fazer neste momento: é sentirmos a necessidade de «vigiarmos» para que o pouco que resta não seja consumido pela azeite do ferro e do cimento.

Somos herdeiros de um passado que não nos envergonha; somos orgulhosos nativos de um povoado nascido à beira-mar e do mar tirámos a «côdea»

(Continua na pág. 9)



O «futuro» de Fão já sabe cantar

CARTAS AO DIRECTOR

Ex.mo Senhor
Director do Jornal
«O Novo Fangueiro»
Fão

Ex.mo Senhor,

Com o intuito de chamar a atenção para os legítimos interesses da população fanguieira, por que sempre pugnei, peço-lhe o favor de publicar, no jornal de que é digno director, o texto que a seguir se escreve:

«QUEM NOS ACODE!!»

I — Já há algum tempo, perdemos o Posto da Guarda Fiscal, que agora serve simplesmente para recreio de alguns oficiais. Nós, povo pacífico e resignado, tudo aceitamos sem qualquer contestação.

Uma coisa é certa. Tornou-se mais fácil aos mirones e frequentadores nocturnos, os actos para os quais estão mais vocacionados.

Uma pergunta se impõe: que fez a autarquia para não deixar que aquela zona da praia de Fão caísse no abandono em que se encontra???

II — Depois foi o governo que através do Ministério da Saúde cortou ao Hospital de Fão

os subsídios para assistência aos partos atribuídos pela segurança social. Agora as parturientes terão que dar à luz no Hospital de Barcelos, isto porque ter um filho no Hospital de Fão já custa umas dezenas de contos.

Era bom que a Santa Casa e os seus mesários esclarecessem este assunto, pois ainda há muita gente mal informada.

III — Hoje, transitar na Rua Azevedo Coutinho é coisa que poucos ou nenhuns podem fazer com segurança, já que é de facto muito perigoso. Os carros passam a velocidade de corrida, sem respeitarem quem quer que seja. As motorizadas, essas, com os escapes livres, rebentam os tímpanos de qualquer cidadão normal com tamanha barulheira, quer seja de dia ou de noite. E não serve de escusa dizer que são os de fora, pois o que se verifica é que são sempre os mesmos. Há que tomar medidas o mais brevemente possível. Que tal umas lombas da alameda até ao terminus da Rua Azevedo Coutinho???

IV — Certamente que todos repararam já no que se está a passar na estrada nacional 13, mais concretamente desde o chalé do Bom Jesus até à Escola Amorim Campos.

A J.A.E. resolveu colocar junto às bermas da estrada, guias e passeios para maior pro-

tecção dos peões, mas o seu resultado tem sido contraproducente. Além de estreitarem a estrada nacional, com a agravante do muito tráfego que por lá passa, põe em perigo a segurança de qualquer cidadão.

No entanto outras situações caricatas se geraram. Veja-se a complicada tarefa que tais obras impuseram à Sr.^a D. Aninhas, que parece mais precisar de um elevador para chegar a sua casa. A outra casa sua vizinha e que fica na esquina, essa ficou mesmo enterrada. À Escola Amorim Campos tiveram mesmo que lhe retirar um degrau.

Como diz a autarquia que quem manda é a J.A.E., então TUDO BEM...

Noutros tempos já os pseudo-jornalistas, cronistas dos nossos jornais, teriam denunciado todas estas situações ... e mais algumas. Mas, por comodismo ou porque a côr que está na moda é o laranja, e eles até gostam dela..., mas é verdade que os gostos são relativos e disso não nos podemos queixar. O certo é que a estratégia resultou e os objectivos eleitoralistas foram plenamente alcançados. Passaram então por um período de letargo e agora ao despertarem constata-se que sofrem de miopia: não podem e nem querem ver. Mas é claro... TUDO ESTÁ BEM.

V—Por fim, alguém mente ao Povo de Fão!

À sucapa os carteiros foram transferidos de Fão para Esposende, sendo agora toda a correspondência tratada em Esposende chegando a nossas casas tarde e a más horas. É certo que ficou ainda uma unidade — a mais antiga —, mas que aguarda simplesmente a sua passagem à reforma.

A situação é tanto mais estranho, porquanto, há poucos meses, um alto funcionário dos CTT veio dizer á imprensa que a estação de Fão iria entrar em obras. Não fez mais do que enganar-nos. A estação continua com aquele aspecto horrível como se pode ver *in loco*. Quanto aos serviços por ela hoje prestados, não são mais do que vender selos e funcionar como mais uma agência bancária sem dinheiro. Os pensionistas ou os portadores de vales postais, têm que esperar sempre para o dia seguinte, pois nunca há dinheiro suficiente, e, se se descuidam e em vez de manhã vão de tarde, terão que aguardar mais um dia pois volta a não haver dinheiro.

São estes os serviços que os CTT de Fão nos prestam actualmente.

Por tudo isto e mais alguma coisa, que ficara para outra ocasião, eu lanço um grito de alerta e apêlo: QUEM NOS ACODE°°°°

Obrigado sr. Director pelo espaço que no seu jornal possa ser dispensado a este meu texto. Muito obrigado.

Com os melhores cumprimentos,

ÓSCAR H. GOMES VIANA

MORTE ESTÚPIDA

O Cândido da Aguçadotra era um velhote simpático que vivia nas Pedreiras. O seu nome certo era Cándido António Gomes. Na semana passada foi mais uma vez procurar numa lixeira, perto das obras da nova ponte, qualquer coisa que lhe fizesse falta ou lhe agradasse. A certa altura desequilibrou-se e ficou atolado na cova do lixo. Caiu e não mais se levantou.

Ao fim de 5 horas, só ao fim de 5 horas é que resolveram tirá-lo daquela posição. Já estava morto. Supõe-se que se tenha cortado num pé e esvaiu-se em sangue.

Será possível morrer-se assim em pleno séc. XX?

Por que é que as pessoas não deram o alarme no tempo certo?

 **Optica**
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

TRIÂNGULO
JOTA

UMA COLECCÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



CLUBE NÁUTICO DE FÃO BARCELONA ESTÁ MAIS PERTO!

Por NÉ VIEIRA

A canoagem levou a juventude ao nosso rio, impondo-se pela apetência natural dos desportos náuticos, beneficiando da dinâmica determinada dos seus praticantes.

Mais de centena e meia de jovens fangueiros tomaram já contacto com esta modalidade olímpica que em Fão assentou raízes e angariou êxitos.

Jovens fangueiros ganham títulos nacionais, percorrem o mundo participando em competições que reúnem o que de melhor existe no globo.

Aparecem na televisão, os grandes semanários publicam grandes textos, a rádio emite entrevistas.

Enfim, a canoagem impôs-se em Fão e criou um vínculo enorme com os jovens locais.

Duas etapas fundamentais na vida do Clube Náutico de Fão levam o ano de 1992 a definir-se como um marco de referência no seu historial:

— A construção do Posto Náutico, uma infraestrutura muito sonhada e já em fase terminal, concretiza as expectativas de muitos jovens que em breve passarão a dispôr de condições ideais para a prática de um desporto que se afirma já como rei.

Dispondo de características estéticas agradáveis, compõe-se de ginásio, balneários, sauna, tanque de aprendizagem, gabinete médico, hangar, sala de convívio, secretaria e bar.

A necessidade de equipamento especializado essencialmente na área de ginásio é já uma preocupação dos responsáveis e estão a ser feitos vários contactos para um apetrechamento a condizer com a envergadura do projecto.

O Clube dispõe já de cerca de seis dezenas de embarcações, algumas voltadas para o turismo náutico e outras modalidades poderão começar a praticar-se nomeadamente o Wind Surf e Remo, ambas na vertente de recreação.

O Posto Náutico vai permitir um maior incremento das modalidades náuticas e constituirá um foco de animação extremamente importante na oferta turística local, constan-

do já em vários roteiros elaborados pelas entidades que promovem aquele sector.

Importante será também na ligação necessária entre o aglomerado urbano e a sua zona turística, implantando-se numa área até há pouco isolada e a carecer de outras infraestruturas lúdicas.

Mas, se um sonho já se tornou realidade, um outro, poderá também sê-lo em breve: estar presente em Barcelona!

No plano competitivo, a presença nos Jogos Olímpicos representa para qualquer atleta o sonho abençoado numa carreira de êxitos e a afirmação de um nível inquestionável.

Belmiro Penetra é sem dúvida o atleta fangueiro de maior êxito na canoagem nacional e internacional e possui já os mínimos olímpicos que lhe permitem a presença em Barcelona.

A recuperar ainda de uma intervenção cirúrgica por força de uma lesão que o afastou da água cerca de 5 meses, este jovem fangueiro tem evidenciado uma notável subida de forma e ficamos hoje com a certeza da sua presença, obedecendo ao destino, nos próximos Jogos Olímpicos.

Sendo o mais jovem atleta da Selecção Nacional e fazendo este ano a sua primeira experiência como sénior, Belmiro Penetra sujeita-se já a um programa de treinos muito intenso, participando já neste mês em provas na Bélgica, Polónia e Hungria.

Mas o Náutico de Fão dispõe de atletas importantes na Canoagem Nacional e já com experiências internacionais significativas, como Luís Sousa, Luís Faria, Lázaro Penetra, Emílio Araújo e Carlos Vieira. Mas na forja estão já outros nomes.

Num clube onde a principal vantagem é o espírito de união e a grande boa vontade, importante será agora aproveitar e canalizar recursos que as novas condições oferecem.

Procurando despertar o interesse dos mais jovens para a prática salutar de uma modalidade náutica já importante ao panorama do desporto nacional, o Clube Náutico de Fão é uma peça primordial no desenvolvimento e promoção de Fão e do Concelho.

RESCALDO DAS FESTAS DE FÃO

(Continuado da pág. 7)

que nos alimentou, incentivou e exortou a amar Fão; somos os fiéis depositários de um legado ímpar que os nossos avoengos — galeria de Homens ilustres — de outra ténpera e cultura onde o dinheiro tinha apenas o valor material, mas sobretudo onde o bairrismo tinha a primazia, pontificava.

Que esta exposição seja um subsídio para a História de Fão e ao mesmo tempo um alerta para mostrar que só a união faz a força. O futuro constrói-se no presente mas com raízes no passado. Nós ainda temos essas raízes, esse passado, mas estamos carentes do bairrismo que outrora construiu este Fão.

É dentro de cada um de nós que latente se evidencia, sem disfarces, o sinal da nossa constância ou da nossa tradição, quando permitimos a destruição deste Fão que nos marcou para toda a vida como Fangueiros.

QUIM DE FÃO

ADAPTAÇÃO DO CINEZENDE A AUDITÓRIO MUNICIPAL

Na cidade do Porto foi assinado recentemente um protocolo entre a Secretaria do Estado da Cultura e a Câmara Municipal de Esposende para a adaptação do Cinezende, única sala existente naquela vila, a Auditório Municipal. Tempos atrás, este edifício foi adquirido pela edilidade local à empresa Cinezende.

A SEC concedeu àquela autarquia um subsídio de 17.500 contos, ao abrigo do Ptdac, a que a Câmara se havia candidatado. Segundo os cálculos previstos, a citada verba não vai cobrir todas as despesas com as obras a efectuar pelo que a Câmara arcará com o custo restante.

Prevê-se que as obras estarão terminadas em meados do próximo verão.

Depois de adaptado a auditório, o edifício em causa vai permitir a realização de vários espectáculos de cultura onde caberão logicamente o Cinema, Teatro, Concertos, Recitais, Palestras, Colóquios, etc.

A Câmara de Esposende está igualmente a efectuar obras de adaptação no antigo edifício Teatro-Clube que funcionará como Museu e Arquivo.

Também no mês de Maio será inaugurada a Casa de Cultura que constará de uma biblioteca, de um pequeno auditório e de salas para exposições.

Esposende, que caminha a passos largos para adquirir o estatuto de cidade, vai assim criando o travejamento necessário para acompanhar em termos de cultura o elan económico a que se lançou desde há uns anos atrás.

AGRADECIMENTO

A família de Isabel Rita Pereira Lima, recentemente operada na Casa de Saúde da Boavista, vem por este meio testemunhar a sua gratidão para com a equipa médica que interveio na intervenção cirúrgica daquele familiar, nomeadamente o chefe da equipa, dr. Manuel Queirós de Faria e o operador, dr. Horácio Queirós de Faria.

Do mesmo modo estende o seu agradecimento ao pessoal enfermeiro e auxiliar que de certo modo interveio na recuperação da doente.



Belmiro Penetra

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — Desde a saída do último número deste jornal, verificaram-se os seguintes falecimentos, em Apúlia:

Em 21 de Março, Isabel Martins Ferreira, solteira, nascida em 6 de Junho de 1940. Residia no lugar da Areia, e era filha de Armindo Henrique Ferreira, e de Ana Fernandes Martins.

— No dia 22 do mesmo mês, no lugar da Igreja, Avelino Lopes dos Santos, viúvo, nascido em 15 de Junho de 1923. Era filho de Álvaro Pires dos Santos e de Maria Pires dos Santos.

— No lugar da Areia, em 23 do mesmo mês de Março, a senhora Rosa Ribeiro Ferreira, nascida em 23 de Dezembro de 1923. Casada com António Rodrigues Mano, era filha de Miguel Francisco Ferreira, e de Maria Emília Ribeiro.

— Ainda no mês de Março, no dia 25, e no lugar de Criad, Teresa Moreira de Matos, natural de Vila Cova, Barcelos, onde nascera em 27 de Agosto de 1905.

Era viúva de Domingos José Ribeiro e filha de Maria de Matos.

— No lugar de Paredes, em 26, o senhor Rufino de Oliveira, viúvo de Maria da Costa e Sá.

Era natural de Perelhal, Barcelos, onde nasceu em 19 de Fevereiro de 1915 e filho de Bernardina Rosa de Oliveira.

— Ainda no mês de Março, em 31, e no lugar de Criad, Joaquim Gomes Gonçalves da Seara, casado com Rosa Gomes Ribeiro.

Era natural de Gilmonde, Barcelos e filho de Manuel Gonçalves da Seara.

Já no mês de Abril, no dia 12, faleceu no lugar da Areia, em casa de seu filho, senhor Joaquim Miranda Morgado, faleceu a senhora Laurinda Gonçalves Miranda, de 88 anos de idade.

A saudosa extinta era natural da freguesia de Gandra, deste concelho, e viúva de Eduardo Ferreira Morgado.

DOENTES — Vítima de doença cardio-vascular, foi internado de urgência numa Clínica da Póvoa de Varzim, o senhor José Augusto Fernandes, 1.º cabo reformado da Guarda-Fiscal.

Ao senhor cabo Fernandes, que durante muitos anos comandou o Posto local daquela Corporação, com correcção e zelo inextinguíveis, e posteriormente integrou duas Direcções do Grupo Desportivo de Apúlia, num lugar difícil e trabalhoso, o que prova como foi plena a sua integração no meio apuliense, desejamos rápidas melhoras.

— Continua ainda doente, facto que se verifica há meses, o nosso conterrâneo Abel Eiras Vieira, proprietário de conhecido e afamado restaurante da Praia de «Cedovem».

Também lhe desejamos rápidas melhoras. **A ÁGUA QUE (NÃO) TEMOS** — Devido aos trabalhos de escavação das ruas por onde passam as condutas de saneamento básico, estão a acontecer com alguma frequência cortes nas tubagens

do transporte da água, facto que afecta negativamente alguns consumidores, principalmente aqueles que vivem para montante desses trabalhos. E casos há em que alguns consumidores tem estado sem água dois ou até mais dias.

Todos sabemos que essas anomalias são transitórias, e que ficarão regularizadas com a conclusão daqueles trabalhos.

O PREÇO DO PROGRESSO — Não é exagero dizer-se que a zona baixa de Apúlia, a sua parte mais importante, está toda esventrada, resultante das obras de saneamento, um melhoramento importante, de que brevemente toda a comunidade vai beneficiar.

Uma terra sem saneamento, não pode aspirar às fontes de receita trazidas pelo turismo. E Apúlia, sobretudo o seu comércio, mas não só ele, vive muito do e para o turismo.

As obras estão um pouco «arrastadas», é um facto. Mas já se vêem. E também se sentem. E de que maneira!...

A Avenida da Praia e a Rua do Cruzeiro, numa grande Extensão, continuam interditas ao trânsito, facto que terá causado alguns contratemplos e arrelias e talvez até prejuízos materiais ao comércio dessas artérias.

Parece que as obras começadas vão parar no fim do mês de Maio para no mês de Junho ser feito o seu calcetamento ou o revestimento com tapete alcatroado. No mês de Julho, espera-se, tudo estará operacional.

Findo o verão, todas essas importantes obras serão reiniciadas, só parando com a sua conclusão.

E então, os apulienses, receberão com juro, os possíveis prejuízos destes últimos meses.

FLAGRANTES DA VIDA — A Isabel, recentemente falecida em Apúlia (facto que relatamos noutra local deste jornal), deve ter deixado este mundo sem pena, sem dor, nem sofrimento. O seu olhar distante e triste, e o seu cérebro cansado e vazio, já há muito haviam morrido.

Desde muito jovem, menina ainda, que a demência tiranizou a sua triste vida. A demência e também a maldade dos homens, que não tiveram pejo, nem vergonha, nem pena, nem consciência,

para se aproveitarem da sua fragilidade mental. Teria engravidado ainda adolescente, mas o filho que lhe impuseram contra a sua vontade, viria a nascer morto.

A Natureza corrigiria assim aquela monstroosidade praticada por autêntico louco.

Lavradores, os pais da infeliz menina, faziam o quotidiano das suas vidas, fora de casa, nos campos distantes da povoação. E a menina, que havia sido causa de escândalo na freguesia, teria de ficar em casa, longe dos olhares curiosos dos mal-dizentes, e a coberto de novos perigos, porque os «lobos» continuavam a andar por ali.

Aos dias sucederam-se os meses e os anos. Sem qualquer convivência, parada, o seu cérebro doente acabaria por morrer. Sem «comando» deixou de andar, deixou de pensar, deixou de falar. O ser humano, esquecido e abandonado por Deus e pelos homens, acabou ali.

Mas o seu caso chegou a ser notícia e motivo para «visitas» de responsáveis a nível distrital, face aos boatos que corriam no meio.

Como era de esperar da sua família, de gente boa e crente, sempre encontraram a «menina» bem tratada e limpa.

Casada da vida (que não viveu), numa madrugada chuvosa desta Primavera, lá se foi, sem sofrimento, sem pena, sem dor. Para o Reino de Deus, porque Bem Aventurados são os pobres de espírito.

E o Cemitério, em plena Primavera, passou a ter mais uma flôr.

MANUEL GOMES SOARES

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos, genros, noras e netos profundamente sensibilizados pelas manifestações de pesar e carinho recebidas aquando do falecimento do seu ente querido, Manuel Gomes Soares e impossibilitados de o fazerem individualmente, vêm, por este meio, agradecer a todas as pessoas que participaram nas cerimónias fúnebres do saudoso extinto bem como a todos aqueles que de outros modos se associaram à sua dor.

PAGARAM A ASSINATURA

1988 — D. Cremilda Lopes Costa, Brasil, 1000\$00. 1985/86/87/88/89/90/91/92 — D. Maria Nely da Silva Ribeiro, Fão. 1988/89/90/91 — Manueç Pedro Guedes Viana, Fão, 2500\$00. 1988/89/90/91/92 — António Martins Soares, Guimarães, 3.200\$00. 1990 — Dr. Cândido Araújo Lamas, Esposende. 1990/91 — Henrique Händel de Oliveira, Delães, 1500\$00. 1990/91/92 — Adélino Dias da Silva, Apúlia, 5000\$00. 1991 — Sérgio Grilbo, Fonteboa, 1000\$00; Dr. Jorge Alberto A. P. Areias, Porto, 750\$00; José Fernandes da Silva Guimarães, Fão, 750\$00; José Feliciano Duarte, Barcelos, 1000\$00; Manuel Joaquim Branco da Costa, Fão, 750\$00; António Soutelo, Fão, 750\$00; Manuel Martins, Fão, 750\$00. 1991/92 — Humberto Gonçalves Didter, Porto, 1500\$00; Manuel Silva, Rio Tinto, 2000\$00; Dr. Agostinho da Rua Reis, Esposende, 2000\$00; António Augusto Gabriel, 1500\$00. 1992 — Emídio Real de Moraes, Fão; Desembargador Dr. José Ramos da Fonseca, Fão, 2000\$00; Miguel Guedes Machado, Braga, 1000\$00; Emídio Real Moraes, Fão, 1500\$00; D. Olívia Gonzalez Araújo, Porto, 750\$00; António Lopes Monteiro, Barcelos, 1500\$00; Mini-Mercado Flor dos Lirios, Fão, 750\$00; António Teixeira da Silva, Esposende, 2000\$00; Sapataria Silmar, Esposende, 1000\$00; Prof. Doutor José Cardoso Morgado, Porto, 750\$00; Dr. José Vinha Novais, Fão, 750\$00; D. Orentina Gomes Solinbo, Braga, 1000\$00; Manuel Afonso Novo, Fonteboa, 1000\$00; Manuel Gomes Sá, Braga, 2000\$00; Rogério Sousa Morgado, Fão, 750\$00; José Cardoso, Fão, 1000\$00; Manuel Gomes Soares, Fão, 750\$00; Alberto Gomes Cardoso, Esposende, 750\$00; D. M.ª Adelaide Cardoso Oliveira, Fão, 800\$00; Casa Solinbo, Fão, 750\$00; Sérgio Manuel Alves Branco, P. de Varzim, 750\$00; José Fernandes Branco, Gandra, 750\$00;

Paulo Ribeiro Branco, Brasil, 1000\$00; Raul Gageiro Fernandes, Fão, 4500\$00; Francisco Gomes de Amorim, Fão, 750\$00; Dr. Milton José Sousa Pinho, Esposende, 750\$00; D. Virgínia Alves Carvalho, Matosinhos, 1000\$00. 1991 — D. M.ª de Lurdes Campos Perelra, Fão, 750\$00; Armando Barbosa Rodrigues, Fão, 750\$00; Alberto Ribeiro, Bermudes, Esposende, 1000\$00; José Santos - Ourivesaria Paz, Porto, 1000\$00. 1988/89/90/91 — Júlio Novo, Fão, 2500\$00; Bernardino Vale, Fão, 2500\$00. 1991 — José Cândido Mendanha Gonçalves, Braga, 750\$00; Mini-Mercado Flor do Lirio, Fão, 1000\$00; Domingos S. Morais da Silva, França, 1000\$00; Francisco Gomes Amorim, Fão; 750\$00. 1990 — D.ª M.ª José Rego Monteiro, Porto, 750\$00. 1991 — D. M.ª Adelaide Cardoso Oliveira, Fão, 750\$00; António Paulo de Sousa, Esposende, 750\$00. 1986/87/88 — Miguel Silva Pereira, Fão, 1500\$00.

ELEIÇÕES NO PART. SOCIALISTA DE ESPOSENDE

Com certo vigor realizaram-se eleições na Secção Concelhia do Partido Socialista. Formaram-se dois grupos sendo um, a que poderemos chamar dos «históricos» liderada pelo dr. Juvenal. O outro bloco, «dos inovadores», apresentava como chefe de equipa o dr. Xavier. A contenda foi vigorosa.

A vitória, tangencial, como tem acontecido, pendeu, desta vez, para o lado do dr. Juvenal que passou a ocupar o lugar de Presidente da Assembleia Geral. Seu irmão, o dr. José Gualdino preside à Comissão Política.

Para o preenchimento dos lugares foi seguido o método de Hondt, pelo que as «forças» ficam equiparadas.

Em 175 filiados, votaram 99, o que é considerado muito bom.



PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



O MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

Passado este prazo, e se não forem detectados nemátodos nas raízes, pode voltar-se à cultura; caso contrário, há que fazer uma desinfecção do solo e o maracujá só poderá voltar ao terreno passados 2 a 3 anos.

5.1 — ADUBAÇÃO

Referindo-nos novamente ao Hawai e aos estudos que, de longa data, ali se vêm fazendo sobre esta cultura, diremos que para uma densidade de 600 plantas são extraídos do solo 165 kg de uma mistura de elementos fertilizantes que se podem traduzir pela fórmula 10.5.20. Atendendo, porém, a que nem todo o adubo é absorvido pela planta e os solos de Angola são pobres em macroelementos, deverá, pelo menos, fazer-se uma adubação igual ao dobro do valor citado.

Sendo assim, a adubação anual por planta será de 550 g do adubo composto 10.5.20, o que corresponde à seguinte mistura de adubos simples:

- 275 g de sulfato de amónio
- 153 g de superfosfato a 18%
- 220 g de cloreto de potássio.

A mistura deverá ser, de preferência, aplicada por duas vezes: uma no princípio e outra no meio das chuvas.

O adubo será colocado à volta do pé da planta e nunca em contacto com este, sendo depois enterrado com uma ligeira cava; convém evitar, na medida do possível, que o adubo toque nas raízes, em virtude do seu efeito corrosivo.

5.3 — PODA

A formação do maracujazeiro é uma operação simples, cuja finalidade consiste em distribuir a planta sobre o suporte que a irá sustentar, dobrando os ramos, após o que a planta cuidará de si mesma.

Não é recomendável o emprego de técnicas ou sistemas especiais para se atingir o fim proposto. Unicamente será necessário guiar-se a planta, para que esta cresça verticalmente, procedimento que dá origem a uma reduzida ramificação lateral.

Na África do Sul constata-se que as plantas não podadas produzem mais do que as podadas, tendo-se verificado um acréscimo médio, nas plantas em estudo, da ordem dos 35% em relação às podadas.

Pode, no entanto, proceder-se a uma poda de formação, deixando 4 ramos que mais darão, cada um, 2 cordões que se conduzirão em sentidos opostos sobre os 2 arames inferiores da espaldeira; a extremidade da haste será sempre despontada, bem como os cordões obtidos pela rebentação das gemas apicais. De cada ramo horizontal deixa-se sair um ramo de cerca de 0,30 m, que se desenvolverá na vertical até atingir o arame superior, ocasião em que se deve dobrar para que este cresça na horizontal. A partir daqui, pouco se deverá tocar na planta.

As principais razões que nos levam a podar são mais de ordem mecânica do que resultantes de conceitos culturais, já que a técnica apontada tem como efeitos mais positivos os seguintes:

1. facilitar os tratamentos fitossanitários;
2. diminuir o peso sobre a espaldeira;

3. permitir uma insolação uniforme, que se traduzirá numa maior homogeneidade dos frutos;

4. eliminar as hastes que se encontram no chão, o que dificulta a colheita, além de poder deteriorar os frutos.

6 — PRAGAS


O maracujazeiro está sujeito, como qualquer outra planta, a um elevado número de pragas. Alguns dos insectos que em torno dele é costume encontrar são úteis ou mesmo indispensáveis — caso dos insectos polinizadores — mas outros consideram-se como altamente nocivos, podendo representar factor limitante da cultura; outros ainda, sem o prejudicarem também não lhe trazem quaisquer benefícios. Este facto dificulta o controlo das pragas, uma vez que não se podem aplicar indiscriminadamente os insecticidas; se tal se fizesse, matar-se-iam também os insectos úteis.

Pelo exposto conclui-se que a aplicação dos insecticidas só deve realizar-se quando as flores estiverem fechadas, altura em que poucos insectos polinizadores estarão presentes. Lembra-se — facto já referido — que as flores do maracujá roxo somente se encontram abertas entre a madrugada e o meio-dia, enquanto as do maracujá amarelo estão abertas entre o meio-dia e o início da noite.

Das pragas dos frutos que atacam o maracujazeiro, as principais são:

- MOSCA DOS FRUTOS (*Anastrepha pseudoparallela*)
- PERCEVEJOS (*Mecistorhinus tripterus* e *M. pallescens*)
- LAGARTAS (*Dione juno* e *D. vanillae*)
- AFÍDEOS (*Myzus persicae* e *Aphis gossypii*)
- ACARO VERMELHO (*Brevipalpus papayensis*)

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa


Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	88 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 8 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Cam. Entre n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

VIDA

*A nossa vida?! Que maravilhosa!...
Faz-nos lembrar as estações do ano:
Tem risos, alegrias, tem perfume,
Um céu azul, uma andorinha ou rosa.*

*Um pomar com abelhas cor de lume,
Um vai-vem como as ondas do Oceano,
Frutos verdes, a prometer doçura
Quando o celeste girassol, na altura,
Sorri para as montanhas e campinas.*

*Uma tarde de Outono com neblinas
E folhas amarelas, e ao sol posto
Uma aguarela multicolor, cercada
De novos frutos, para novo gosto.*

*Uma angústia, uma dor, uma geada,
Uma ansiedade, um frio glacial...
Mas também a beleza da nevada,
Ornamentando o tempo do Natal.*

Diniz de Vilarelho

MOMENTO DE POESIA

Apenas num ligeiro apontamento, necessariamente breve, tentaremos, sempre que possível, trazer aqui um pouco de poesia, através de excertos de composições representativas dos nossos autores, de todos os tempos, escolas e géneros.

Começamos com CESÁRIO VERDE, poeta ceifado pela tuberculose aos trinta anos (1886).

O realismo da sua poesia, poesia das coisas simples do quotidiano, está impregnado de uma subtil beleza e de uma vigorosa autenticidade; de um encantamento que persiste, mesmo após a leitura dos seus versos.

A sua obra é um único volume: — «O LIVRO DE CESÁRIO VERDE».

Eis os excertos que escolhemos:

.....
E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
Dum couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra, num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

.....
Vazam-se os arsenais e as oficinas.
Reluz viscoso o rio; apressam-se as obreiras
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-se pilastras
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que mais tarde naufragam nas
tormentas.

(Do poema «O Sentimento de um Ocidental».)

Cremos que este fragmento de poema dirá algo aos Fangueiros, pois que são gente da beira-mar.

M. Emília Corte Real

DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

FUTEBOL

Últimos resultados: Vila Verde, 0 - Fão, 2; Fão, 2 - Dume, 0.

Com uma excelente vitória no campo do 2.º classificado e outra perante o último em nossa casa, o Clube de Futebol de Fão, a duas jornadas do fim já pode respirar de alívio.

Se a boa exibição em Vila Verde foi mais uma entre tantas da 2.ª volta deste campeonato, o mesmo já não poderá dizer-se do jogo em Fão, perante um adversário que já não tinha nada a perder, que muito dificultou é certo, mas na rapaziada do Fão notava-se uma ânsia de ganhar esta partida e resolver todos os problemas de uma época muito atribulada; o nervoso miudinho e uma ventania tremenda não permitiram porém que se assistisse a uma exibição aceitável.

E assim, com dois golos na segunda parte, sendo um de grande penalidade, os nossos jogadores lá resolveram a contenda.

Eis a classificação actual:

MARINHAS	50 PONTOS
VILA VERDE	37 PONTOS
ÁGUIAS DA GRAÇA	36 PONTOS
MAXIMINENSE	35 PONTOS
ANTAS (S. PAIO)	30 PONTOS
APÚLIA	27 PONTOS
GONDIFELOS	27 PONTOS
LAGENSE	26 PONTOS
FÃO	26 PONTOS
AVELEDA	25 PONTOS
RIBEIRÃO	25 PONTOS
REALENSE	23 PONTOS
ESCORÕES	22 PONTOS
VIATODOS	22 PONTOS
PRADO	21 PONTOS
DUMIENSE	15 PONTOS

CANOAGEM

Na Foz do Neiva disputou-se mais uma prova a contar para o Campeonato Regional

de Promessas. Classificações Individuais dos jovens canoístas do Clube Náutico de Fão:

K1 CADETES: 1.º, Miguel Pedras; 2.º, João Ferreira; 3.º, José Serra.

K2 CADETES: 1.º, João Filipe / Pedro Silva.

K2 INFANTIS: 2.º, João de Jesus / Luis Coelho.

Também os canoístas seniores participaram extra campeonato obtendo os seguintes resultados:

K1: 1.º, Luis Sousa; 2.º, João Anunciação; 3.º, Gustavo Costa.

K2: 1.º, Emílio Araújo / Luis Faria; 2.º, António Roxo / António Ferreira.

C1: 1.º, Carlos Vieira.

BELMIRO PENETRA NA BÉLGICA

Afim de se preparar para os Jogos Olímpicos de Barcelona, integrado na Selecção Nacional, partiu para aquele país o prestigiado canoísta do Náutico de Fão Belmiro Penetra.

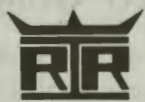
A nível de seniores e juniores, têm sido os canoístas do nosso clube convocados pela Federação Portuguesa de Canoagem para estágios e provas internacionais.

Agora coube a vez aos mais jovens. E para um estágio de duas semanas em Entre-os-Rios a Federação convocou o Cadete do Náutico de Fão Miguel Pedras, que conjuntamente com outros jovens de clubes do norte a sul do país, foram orientados pelo sr. Mladenov, um treinador Búlgaro ao serviço da canoagem portuguesa.

BIBLIOTECA ITINERANTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

As Câmaras Municipais de Esposende e Barcelos, conjuntamente com a fundação Calouste Gulbenkian, procederam a uma reestruturação da Biblioteca Itinerante que servia estes dois Concelhos.

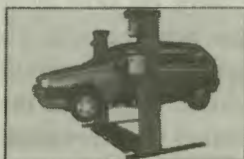
Assim, para a itinerância desta Biblioteca na vila de Fão, a qual passará a visitar Fão a partir do dia 08 de Maio de 1992, ficando instalada junto à Escola do Ramalhão, das 15,30 às 18,15 horas.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO



TESTE DE TRAVÕES

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 69 81 05 - 69 10 18 - 6 37 48 — FAX 697385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilaralho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Odete Pirotto

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

NECRÓPOLE DOS LÍRIOS

No último fim-de-semana, esteve em Fão, vindo directamente de França, o professor-doutor Eric Crubezy, médico e antropólogo, professor na Universidade de Toulouse e que acompanha, juntamente com o prof. doutor Brochado de Almeida as escavações da necrópole fangueira.

Esteve no local, acompanhado por professores e alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para recolha e levantamento de esqueletos e ossadas para futuro estudo no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Na opinião deste professor, esta necrópole é uma das maiores da Europa e até agora muito bem trabalhada. Elogio implícito à equipa portuense que descobriu o achado e que primeiro o trabalhou. Segundo ele, esta necrópole só tem paralelo com algumas existentes no nordeste de França.

Para o Dr. Brochado de Almeida, neste momento a «escavar» o Monte de São Lourenço e a reconstruir uma povoação castreja, a necrópole dos Lírios é mais extensa e prolonga-se para nascente e poente. Do Norte, o que deveria ter existido foi destruído nos anos cin-

quenta; do Nascente, um bloco de habitações impossibilita as escavações; do Sul está limitada. Resta trabalhar «escavar» do lado Poente. Na opinião deste professor-arqueólogo, há necessidade de repensar o acesso aos Lírios, cortando, temporariamente, o caminho actual, para que as escavações possam prosseguir e conhecer mais profundamente esta necrópole. Sem isso — disse — o trabalho fica mutilado.

Não nos parece difícil a solução. Os habitantes daquele lugar têm alternativas e se as não tivessem, cá está a Junta de Freguesia para as encontrar. O que não podemos é perder o conhecimento mais profundo da história de Fão, só porque há um caminho a impedir os trabalhos.

Em relação à actual necrópole, este professor é de opinião que o trabalhos tem de ser lento para ser bem feito e, terminada a escavação nesta profundidade, far-se-á uma escavação mais profunda para observar se outros testemunhos aparecem.

Aquilo que tem passado despercebido aos fangueiros — um valor histórico incalculável — já é conhecido no «forum cultural» europeu. Valha-nos isso. Que os «de fora» apreciem o que nós «depreciamos». Talvez esteja na forja algum «mamarracho»... e convinha dizer que «aquilo» só são pedras e ossos... para depois aparecer cimento e cofragem...

Do QUIM DE FÃO

TURISTAS E HOTÉIS

O Hotel Ofir já começou a receber os primeiros turistas, ingleses e alemães, que ocupam cerca de 30% dos quartos. Em Maio prevê-se a chegada de holandeses pelo que o índice de ocupação dos quartos deve atingir os 60%. Em Julho e Agosto a capacidade de ocupação vai ser total.

Entretanto o hotel está a sofrer uma remodelação completa. O ano passado foram renovados 118 quartos. Este ano serão os restantes. Os quartos que estão por cima da antiga recepção estão a ser transformados em suites. Cada par de quartos dá uma suite. Móveis completamente nova foi colocada em 63 quartos.

O ar condicionado é hoje uma das

inovações que beneficia todo o hotel. Entre a sala de jantar fronteira ao oceano e o bar vai construir-se um corredor pedonal com tecto de cimento e paredes de vidro que será uma 2.ª via de acesso ao restaurante.

Todo o corpo do hotel está a ser pintado de novo. Na parte exterior do edifício, perto do bar, foi criado um putting green para treino do golf. Do modo fácil como a relva se desenvolveu, concluímos que um campo de golf nesta zona está mais que indicado.

★

O Hotel do Pinhal está por sua vez a fazer a sua «maquilhagem». Os novos quartos que o recente incêndio não deixou terminar estão a receber os últimos retoques. Finalmente. O mesmo se pode dizer do restaurante panorâmico. Uma pintura geral às paredes do hotel trouxe-lhe outra alegria, alegria que se comunicou aos habitantes de Fão pois custava-lhes ver aquele bonito estabelecimento tão degradado.

O Hotel Ofir retirou as letras que o identificavam. Ficou lá apenas a palavras Sopete. Assim são muitos os clientes que o procuram mas, não lobrigando qualquer indicador, vão à Conchinha ou à bomba de gasolina a perguntar pelo faldado e refaldado Hotel Ofir.

Estamos em crer que as palavras identificadoras foram retiradas para consento e que em breve continuarão a identificar o Ofir.

SURURU NA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA

«Os laranjas ficaram cabisbaixos; o público imparcial julgou e por esta voz à oposição foi dada «toda» a razão» e o nosso Presidente vitalício barafustou, ralhou, achou inconcebível que numa Assembleia de Freguesia, convocada segundo o regulamento, não estivesse presente um elemento da Junta para prestar esclarecimentos aos senhores deputados.

— Razões: O Presidente estava ausente; o secretário chegou tarde — depois da hora regulamentar...

— Conclusão: A reunião de Assembleia de Freguesia não se realizou. Foi adiada.

Ouvi, na rua, a opinião de todos os presentes. Afirmaram que os «Vianas» — a oposição — tinham razão. Nem sempre quem tem o «poder» pode pisar o risco. Logo é acusado de transgredir e reduzir à «insignificância» coisas muito sérias, como é uma Assembleia de Freguesia.

Meus senhores, fizeram bem dar a «mão à palmatória» porque adiar uma «Assembleia» até a magna pode ser adiada por falta de «quorum» ou de «relógio»... nada do outro mundo!... Só deste.

QUIM DE FÃO

DR. JOÃO PAULO GOMES

O nosso assinante e activo esposense Dr. João Paulo Gomes ocupa desde há tempos o cargo de deputado à Assembleia da República pelo CDS.

Noticiaram os jornais que o dr. João Paulo teve há dias uma intervenção quente e vigorosa a favor do rio Cávado.

Só temos que nos regozijar com o «forcing» desencadeado por este ilustre conterrâneo (somos todos do mesmo concelho) e apelamos para que continue, sob pena de ficarmos todos envenenados pela água que bebemos. Então este ano vai ser desesperante.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO